

MARIA JOSÉ ALMEIDA SILVA

**SENTIDOS E VALORES ATRIBUÍDOS PELOS PROFESSORES ACERCA
DO TEMA HOMOSSEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Pós Graduação
especialização em Educação da
Universidade Federal de Campina Grande-
Campus Cuité em cumprimento as
exigências para obtenção do título de
especialista.

Orientador: Msc. Leonardo Cavalcante
de Araujo Mello

CUITÉ-PB

2014

MARIA JOSÉ ALMEIDA SILVA

**SENTIDOS E VALORES ATRIBUÍDOS PELOS PROFESSORES ACERCA
DO TEMA HOMOSSEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pós Graduação Lato Sensu-
Especialização em educação com foco em ensino e aprendizagem da Universidade Federal de
Campina Grande – Campus Cuité em cumprimento as exigências para obtenção do título de
especialista

Aprovada em _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc-. Leonardo Cavalcante de Araujo Mello –
Orientador

Prof.Dr.José Carlos de Paula
Titular

Prof. Msc. Jair Stefanini Pereira de Ataíde
Titular

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S586s

Silva, Maria José Almeida.

Sentidos e valores atribuídos pelos professores acerca do tema da homossexualidade. / Maria José Almeida Silva. – Cuité: CES, 2014.

55 fl.

Monografia (II Curso de Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2014.

Orientador: Msc. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello.

1. Ensino de biologia. 2. Homossexualidade. 3. Homofobia.
I. Título.

CDU 37.02(57)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me dar forças para alcançar todos os meus objetivos, ao meu esposo e a minha filha que me ajudaram bastante compreendendo minha ausência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, força e perseverança.

A minha família pelo estímulo e apoio.

Ao meu esposo Ediano Casado pela paciência, carinho e presença constante.

Aos meus pais pelo incentivo, confiança e amor incondicional em todas as ocasiões.

Ao meu orientador Leonardo Mello por toda ajuda na construção deste trabalho.

A todo o corpo docente da Universidade Federal de Campina Grande (campus Cuité).

Aos educadores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Luiz Neto.

A minha turma pelos momentos de estudo e diversão.

A todos que fizeram parte direta ou indiretamente desta conquista, meus sinceros agradecimentos.

“Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda!”

Cecília Meireles

SILVA, Maria José Almeida. SENTIDOS E VALORES ATRIBUÍDOS PELOS PROFESSORES ACERCA DO TEMA HOMOSSEXUALIDADE. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de Campina Grande. UFCG, Cuité/PB.

RESUMO

A sala de aula é um espaço que professores devem estar atentos as diversidades que surge, entretanto, muitas vezes professores acabam esquecendo, ou até mesmo por receio não trabalham questões sobre diversidade. O educador deve estar consciente de que mesmo de forma modesta, deve contribuir com a escola em sua missão de formadora de pessoas dotadas de espírito crítico e de instrumentos conceituais para se posicionarem com equilíbrio em um mundo de diferenças e de infinitas variações. Pessoas que possam refletir sobre o acesso de todos/as à cidadania e compreender que, dentro dos limites da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas, promovidas e não utilizadas como critérios de exclusão social e política. A escola muitas vezes silencia diante da homofobia e desfaz todo o discurso que se travou sobre acessibilidade, onde todos devem ter acesso à escola sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, nas pessoas em geral.

Palavras - chave: *Educador, Homofobia, Diversidade.*

SILVA, José Maria Almeida. **DIRECTIONS AND VALUES ASSIGNED BY TEACHERS ABOUT HOMOSEXUALITY ISSUE.** Monograph conclusion curso.Universidade Federal de Campina Grande.UFCG, Cuité / PB.

ABSTRACT

The classroom is a space that teachers should be aware of the diversity that arises, however, teachers often end up forgetting, or even fear do not work on diversity issues. The educator should be aware that even so modest, should contribute to the school in its mission of forming persons endowed with critical thinking and conceptual tools to position themselves with balance in a world of differences and endless variations. People who can reflect on access all / the citizenship and understand that, within the limits of ethics and human rights, the differences should be respected, promoted and not used as criteria of social and political exclusion. The school often silent on homophobia and undoes all the discourse that has caught on accessibility, which everyone should have access to school without prejudice, stigmas, stereotypes and discrimination on people in general.

Word - Tags: Educator, Homophobia, Diversity.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	09
2- OBJETIVOS.....	11
2.1 OBJETIVO GERAL.....	11
2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	11
3- JUSTIFICATIVAS.....	12
4- FUNDAMENTAÇÃO.....	13
4.1 A EXCLUSÃO E AS ESCOLAS BRASILEIRAS.....	19
5- METODOLOGIA.....	24
5.1 LOCUS DA PESQUISA.....	24
5.2 MÉTODO DA PESQUISA.....	25
5.3 PROCEDIMENTOS.....	26
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	27
6.1 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	27
6.2 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS.....	30
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICES.....	43
APÊNDICE A-AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA.....	43
APÊNDICE B-APRESENTAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO.....	44
APÊNDICE C-TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	45

1-INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira está passando por profundas transformações que não podem ser ignoradas por nenhuma instituição democrática. Cada dia cresce no país a percepção da importância da educação como instrumento necessário para enfrentar situações de preconceitos e discriminação e garantir oportunidades efetivas de participação de todos nos diferentes espaços sociais.

È preciso que educadores tenham sempre em mente as diferenças na educação entre meninos e meninas, atentando para uma compreensão social e histórica de que existe um padrão de conduta e de comportamentos diferenciados, que foram construídos, social e historicamente para meninos e meninas, homens e mulheres. Aos homens o dever de serem dirigentes, agressivos, fortes; às mulheres cabe o cuidado com o lar, com a reprodução e com a educação de filhos e filhas.

Esses padrões de comportamento pautam em argumentos biológicos que reproduzem desigualdades sociais relevantes entre os sexos. Ao identificarmos e reproduzirmos atividades e adjetivos diferenciados para homens e mulheres estamos construindo o gênero. Essa construção é marcadamente cultural, pois varia conforme a sociedade na qual estamos inseridos.

Falamos em mudança cultural no sentido de (re) significar o que já está enraizado nas nossas mentalidades, muitas vezes marcadas por preconceito, discriminação e pelo não (re) conhecimento do/a outro/a enquanto sujeito de direito. A educação em geral, especialmente no espaço escolar, deve contribuir de forma singular com o processo de educar cidadãos/ãs uma vez que a escola é local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas que liberte o ser humano das amarras da ignorância e do preconceito. É importante que o educador provoque em sala de aula reflexões e discussões sobre o tema “diversidade” para que o educando/a desenvolva postura crítica e de respeito frente à realidade. Entretanto é preciso estimular educadores a refletirem sobre sua visão e opinião em relação à homossexualidade e repensar a sexualidade dos/as jovens no sentido de colaborar através do seu trabalho, para a eliminação do preconceito e da discriminação aos/as homossexuais.

O governo do Estado da Paraíba e as secretarias de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, a secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano, o Centro de Referência dos Direitos LGBT e Combate à Homofobia da Paraíba - Espaços LGBT, promoveram no ano de 2012, um curso de formação em Direitos Humanos de LGBT, realizado no Núcleo de Treinamento de Alagoa Grande/SEE/PB, para professores e gestores das 14 gerências regionais de educação/SEE.

O curso levaria professores e gestores a discutirem sobre a diversidade sexual na escola, tendo como objetivos principais proporcionar aos professores da rede pública estadual subsídios teórico-prático para o desenvolvimento de ações educacionais sistematizadas, que possam ser avaliadas em seu processo e em seu produto, resultando em redimensionamento de sua prática educativa.

Diante da realidade em que a homossexualidade não é mais vista como um crime, como uma doença, como desvios ou como anormalidade pela sociedade, como justificar, o fato em que agentes da escola (Professores, Técnicos, etc.) ainda têm dificuldade em tratar dos assuntos ligados à sexualidade e afetividade? Ou porque sempre se apresenta carregada de preconceitos e chacota, contribuindo para a evasão, a violência?

Como professores da escola pública estão vendo a homossexualidade? Como resgatarmos a sensibilidade em relação à história daqueles que enfrentaram a intolerância?

Algumas estratégias foram elaboradas pelo Comitê Nacional de Educação e Direitos Humanos, entre elas o plano define como uma de suas ações programáticas para a Educação Básica:

[...] formentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como, todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada das/os trabalhadoras/es da educação para lidar criticamente com esses temas. Brasil (2006).

Com essa pesquisa pretendemos realizar um questionamento sobre que sentidos e valores os professores atribuem acerca da homossexualidade, constatando se dentro das salas de aulas a escola mantém o discurso e a prática homofóbica. Dessa forma, pretendemos contribuir com subsídios aos professores a fim de reconhecer a homofobia e repudiar toda e qualquer forma de discriminação.

2-OBJETIVOS

2.1- OBJETIVO GERAL:

- ✓ Investigar os sentidos e valores que educadores apresentam sobre o tema da homossexualidade.

2.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Verificar como os educadores têm abordado a diversidade sexual em sala de aula;
- ✓ Analisar como o tema da homofobia comparece nos discursos dos professores;
- ✓ Interrelacionar as diretrizes do projeto político pedagógico e as práticas, sentidos e valores dos educandos para educação básica quanto à Educação Sexual;
- ✓ Observar se nos discursos de professores ainda comparece relatos de práticas homofóbicas.

3-JUSTIFICATIVAS

Segundo pesquisa da UNESCO (2004), cerca de 60% dos professores brasileiros consideram inadmissível uma pessoa ter relações homossexuais, e, constatou também um alto percentual de docentes que afirmam não saber abordar o tema homossexualidade nas aulas. Entre os estudantes, muitos não gostariam de ter colegas homossexuais. Mas “bater em homossexuais” foi apontado como o exemplo menos grave de violência (ABRAMOVAY et al., 2004).

Na escola, a homofobia perpassa também pelo padrão das relações sociais entre os atores escolares, alunos, professores e educadores técnicos. A homofobia na escola afeta o bem-estar subjetivo; dificulta o aprendizado; produz segregação e isolamento; gera insegurança e falta de autoconfiança; produz desinteresse; promove estigmatização; produz ou agrava a distorção idade-série; desencadeia tendências ao potencial discriminatório; afeta as expectativas de alunos e professores quanto ao “sucesso” e o rendimento escolar; favorece o abandono e a evasão escolar; produz intimidação; reduz oportunidades; prejudica o processo de inserção no mercado de trabalho; conduz à maior vulnerabilidade em relação a chantagens, assédios, abusos; tumultua o processo de configuração identitária e a construção do respeito em si; enseja invisibilidade ou visibilidade distorcida das pessoas; influencia a vida social em geral; dificulta a integração das famílias homo parentais na comunidade escolar.

Segundo uma avaliação realizada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2012, a Paraíba seria o estado mais homofóbico do Brasil por ter uma população dez vezes menor que São Paulo é registrado 15 assassinatos. A região Nordeste é considerada a mais perigosa para os homossexuais por concentrar 1/4 dos “homicídios”, como caracteriza o GGB no levantamento.

De acordo ainda com o relatório do GGB, os crimes de ódio vitimaram a maior parte de gays. Foram, 52% do total das 165 mortes. Em seguida vem os travesti, 41% das vítimas. Proporcionalmente, contudo, as travestis e transexuais, representam o grupo mais vulnerável, pois não chegando a 1 milhão de pessoas, comparativamente aos gays que ultrapassam 20 milhões, foram mortas 65’ trans’ e 85 gays.

Conforme a Declaração dos direitos humanos (1995) A capacitação de pessoal em todos os níveis do sistema educacional– professores, planejadores, gerentes, educadores docentes – tem de incluir a educação para a paz, os direitos humanos e a democracia. Essa formação inicial e permanente e a readaptação profissional devem introduzir e aplicar metodologias, observando experimentos e avaliando os resultados. A fim de realizar suas tarefas com sucesso, escolas, instituições de educação docente e aquelas a cargo de programas de

educação não formal devem procurar assistência de pessoas com experiência nos campos da paz, dos direitos humanos e da democracia (políticos, juristas, sociólogos e psicólogos) e das ONGs especializadas em direitos humanos. De forma similar, pedagogia e a própria prática de trocas devem fazer parte de cursos de capacitação de todos os educadores.

4-FUNDAMENTAÇÃO

A busca por uma sociedade sem preconceito ainda é uma grande luta. Entretanto a diversidade sexual tem sido um dos temas mais discutido e polemico, devido o grande preconceito que existe em nossa sociedade que muitas vezes omitem.

Na área da educação, a implementações de ações de promoção da igualdade de gênero, identidade de gênero, orientação sexual e de enfrentamento ao sexismo e a homofobia encontra respaldo nas propostas de ações governamentais contidas no Programa Nacional de Direitos Humanos (2002), no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), no Programa Brasil sem Homofobia (2004), no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006) e em legislações específicas do MEC de acordo com a Resolução nº7 DCNEF 9 anos/MEC. Brasil(2001). De acordo com (PNDH/2001), implementado a partir de 2002, destaca, em sua seção destinada à garantia do direito à liberdade, os direitos a liberdade de expressão, de orientação sexual, de crença e culto. Propõe, entre outras medidas, apoiar emenda à Constituição Federal que inclua a garantia do direito à livre orientação sexual e a proibição da discriminação por orientação sexual, a regulamentação da parceira civil registrada entre pessoas do mesmo sexo e a inclusão nos censos demográficos e nas pesquisas oficiais dados relativos à orientação sexual.

No ano de 2004 foram aprimoradas discussões em torno das metas e da reformulação de políticas destinadas à população LGTB e que resultaram no lançamento do Programa Brasil sem Homofobia (BSH). O BSH configura um conjunto de compromissos e planos de ações do Governo Federal para a formulação e implementação de políticas integradas e de caráter nacional voltadas, sobretudo, para enfrentar as desigualdades e sensibilizar e capacitar gestores(as) públicos(as) para o combate ao preconceito, à discriminação e a violência contra LGBT nas áreas da educação, cultura, saúde, trabalho, segurança entre outros. (PNDH,2001)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2001) a escola deve problematizar levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e informação sobre a Orientação Sexual para que a(o) aluna(o) reconheça a sexualidade como algo inerente

à vida, e que ele/ela pode manifestar seus desejos e fazer suas escolhas, respeitando a si mesmo e a outra/o. Desse modo, é importante que o(a) educador(a) vivencie processos de sensibilização e seja preparado(a) para lidar e trabalhar com a diversidade de questões que envolvem essa temática, só assim terá capacidade para compreender que é legítimo e lícito que crianças, adolescentes, jovens e, também, adultos manifestem curiosidades acerca da sexualidade, uma vez que ela faz parte do processo de desenvolvimento humano, em suas diferentes fases (BRASIL, 2011).

Ainda frequentemente, silenciemos diante de discriminações e violências contra a população LGBT, em espaços públicos ou privados. Essa realidade impõe o desafio de sensibilizar e formar profissionais para a abordagem de temas ligados às sexualidades.

O trabalho com orientação sexual deve ser fazer parte de toda organização curricular da escola, ou seja, a sexualidade faz parte da vida, falar dela não pode ficar restrito ao currículo formal. Entretanto, o debate e as reflexões sobre sexualidade devem acontecer em qualquer situação/contexto em que a escola, o(a) professor(a), técnicos e ou alunos(as) os considerem pertinente para garantir as premissas da educação para os direitos humanos.

Gaucira Lopes Louro(1999) relata que, embora não se possa atribuir à escola o poder e a responsabilidade de explicar identidades sociais ou de determiná-las de forma definitiva, é necessário reconhecer que ‘suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, tem ‘efeito de verdade’, constituem parte significativa das histórias pessoais “(LOURO, 1999, p.21).

Sendo assim a escola adquire um papel importante e que deve ser levado em consideração no currículo, pois tudo que a escola prega, é vista por aqueles como verdades absolutas. Diariamente observamos que jovens e adultos sofrem com o preconceito, a discriminação, ofensas, constrangimento, ameaças e agressões físicas ou verbais. Entretanto essas pessoas já estão acostumadas a virarem motivos de chacotas, cercadas por apelidos, brincadeiras de mau gosto, e devido a abordarem esse comportamento esses estudantes adquirem a aversão ao homossexualismo.

A esse respeito, Denilson Lopes (2003) observa que um garoto pode ser objeto de escárnio por parte de colegas e professores (“o veadinho da escola”) antes mesmo de identificar-se como gay.

É preciso parar e analisar um pouco, para que esses números sejam levados em conta, fazendo com que os mesmos parem de crescer e que com ajuda da educação possamos desmistificar esse rótulo que a sociedade pregou do conceito de ser homem ou mulher, e que esse conceito passe a ser o humano.

Os papéis relacionados aos homens e às mulheres são culturalmente definidos, ou seja, uma pessoa nasce macho ou fêmea, mas a maneira de ser homem ou de ser mulher é aprendida de acordo com o que é considerada “desejável” por uma determinada sociedade. (Adolescentes e Jovens para a Educação Entre Pares-Ministério da saúde -Brasília- DF. 2011).

É importante observar, no entanto, que pesquisas têm apontado que, aliada a outros fatores, a formação escolar pode contribuir para promover movimentações neste cenário. Mesmo no universo rural e em pequenos centros, verifica-se entre os rapazes que apresentam maior interesse e logram prosseguir os estudos uma tendência à incorporação de modos de agir que os afastam do centro gravitacional que o modelo masculino hegemônico representaria (ALMEIDA, 1995).

Ao observamos que o espaço escolar nos últimos anos vem crescendo bastante e com esse crescimento podemos observar uma grande diversidade, alunos de diferentes culturas, diferentes classes sociais, diferentes religiões e etc. Entretanto é preciso que a escola esteja preparada para receber essa diversidade em sala e que profissionais da educação comecem a se questionar e rever se os conteúdos estão de acordo com a realidade do aluno ou se precisa ser alterado. Para Fernando Seffner,(2009, p.125) “*a escola pública brasileira vive hoje o desafio de aceitar os’ diferentes’, aqueles desde sempre ausentes do espaço escolar, ou que nele estiverem apenas por breves passagens, sendo logo excluídos*”.

O percurso escolar é muito importante na vida pode levar o aluno ao sucesso ou ao fracasso, a escola torna-se responsável, seja pelo sucesso seja pelo fracasso, onde deve assegurar a responsabilidade da superação da exclusão.

Segundo Junqueira (2009), é cada vez mais frequente e difuso emprego do conceito de homofobia por parte de variados setores social sugere existir uma crescente sensibilidade e disposição para lidar mais criticamente com representação e práticas sociais de teor homofóbico.

Ainda sim, Junqueira (2009) propõe que seja feita uma conscientização acerca do papel das instituições e entre elas a escola na reprodução e na problematização de preconceitos, discriminações e violências sexistas, misóginas e homofóbicas.

Para Junqueira *apud* Becker(2005), detectadas em pesquisas consagradas segundo as quais a escola se nega perceber e a reconhecer as diferenças de públicos, mostrando-se indiferente ao diferente, encontra, no caso de estudantes homossexuais, bissexuais ou transgêneros sua expressão mais incontestável, professores/as costumam dirigir-se a seus grupos de estudantes como se jamais houvesse ali um gay, uma lésbica, um/a bissexual ou

alguém que esteja se interrogando acerca de sua identidade sexual ou de gênero. Imperando neste caso a princípio de heterossexualidade presumida, que faz crer que não haja homossexuais em um determinado ambiente (ou se houver deverá ser “caso passageiro” que se resolverá quando ele/ela encontrar a pessoa certa.)

O preconceito, a discriminação e a violência que na escola atinge gays, lésbicas e bissexuais e lhes restringem direitos básicos de cidadania, se agravam em relação a travestis e transexuais. Essas pessoas ao construírem seus corpos, suas maneiras de ser, expressar-se e agir, não podem passar incógnitas. Diversas pesquisas têm mostrado que os travestis constituem a parcela com maiores dificuldades de permanência na escola de inserção no mercado de trabalho em função do preconceito e da discriminação sistemática a que estão submetidos (Junqueira 2009 *apud* Parker, 2004).

Entretanto, é possível observar que ainda existe o despreparo dos profissionais da educação que não contam com diretrizes e instrumentos adequados para enfrentar os desafios relacionados aos direitos sexuais e a diversidade.

É inquestionável a importância de medidas voltadas a oferecer, sobretudo a profissionais da educação, diretrizes consistentes a incluir de modo coerente tais temas na sua formação inicial continuada; bem como a estimular a pesquisa e a divulgação de conhecimento acerca da homofobia (JUNQUEIRA, 2009).

Ainda de acordo com Junqueira (2009), Nos últimos anos, contra todas as adversidades a escola, a escola pública brasileira experimentou um notável crescimento no ensino no nível fundamental e médio e na modalidade de jovens e adultos, pela primeira vez na história brasileira, temos vagas para todas as crianças em idade de cursar as series do ensino fundamental e para jovens e adultos que ingressam no ensino médio ou na modalidade para jovens e adultos. O ingresso de tantas e tão diferentes crianças e jovens vem causando um forte impacto nas estruturas escolares. Esse impacto é percebido quando da definição de temas e conteúdos a serem ensinados, de regras de conduta e convívio escolar a serem obedecidas, de modalidade de avaliação dos conhecimentos e das atitudes, de formas de progressão (ou retenção) de alunos em determinada series, dentre outros quesitos. Diante desses novos públicos de alunos seguiremos ensinando o que sempre ensinamos? Diante de novas demandas da sociedade seguiremos mantendo o currículo que sempre praticamos?

E a escola? E nós educadores? Como tratamos a homossexualidade? Nosso papel não seria incluir? Alias ouvimos diversos discursos sobre inclusão dos portadores de necessidades especiais, inclusão do indígena nas aldeias, da cultura afro nas escolas, dos adultos para

alfabetização e, no entanto sobre as manifestações da sexualidade a escola silencia-se. A escola pública brasileira necessita livrar-se da sina de ser um local de exclusão, o que não é tarefa fácil, pois ela está marcada fortemente por este sinal.

Nos dias de hoje uma professora ou um professor tem que ter uma enorme dose de sensibilidade para lidar com a inclusão escolar, pois é difícil acreditar que surdos, cegos, gays, lésbicas, travestis, cadeirantes, deficientes mentais, gente mais velha, bagunceiros e comportados, umbandistas e católicos possam aprender em conjunto, num clima de inclusão, aceitação, respeito e harmonia. Precisamos deixar claro para toda comunidade escolar que a escola pública é como o próprio nome diz um espaço público. Local de aprendizagem e de negociações das diferenças. Não existem pessoas menos ou mais merecedoras de estar na escola e nela estudar. Todos merecem estudar (JUNQUEIRA, 2009)

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-1996 (L.D. B), no artigo 2º e 3], reafirma e explicita o artigo 5º, salientando a respeito ao pluralismo, a liberdade e o apreço a tolerância.

O Estatuto da Criança e o Adolescente (1990) ressalva no artigo 15 e 16 o direito à liberdade, o respeito e a dignidade como pessoas humanas, só estão presentes num ambiente onde não haja discriminação.

Diante de todas as transformações que a sociedade brasileira vem passando hoje a educação é um grande instrumento necessário para enfrentar situações de preconceito e discriminação, e assim garantir a todos oportunidades efetivas de participação nos diferentes espaços sociais.

O anseio de construirmos uma sociedade e uma escola livre de preconceito e qualquer tipo de discriminação se fazem necessário enfrentar todas as dificuldades encontradas para amenizar e perverter a homofobia. Tendo em vista que nós educadores devemos nos conscientizar que nosso trabalho visa priorizar o quadro de direitos humanos, e que diante de racismo, homofobia e sexismo, nossas intenções promovem muitas vezes sua perpetuação.

Para Junqueira (2009) envolver autoridades, profissionais da educação, membros da comunidade escolar e da sociedade em geral em esforços de desestabilização da homofobia, também será necessário não esquecer que o poder e as instituições (entre elas a escola) funcionam produtivamente em termos de interdições e estímulos.

Entretanto, para Junqueira (2009) *apud* Louro (1999) embora não se possa atribuir à escola o poder e a responsabilidade de explicar identidades sociais ou de determiná-las de forma definitiva é necessário reconhecer que suas “proposições, suas imposições e proibições

fazem sentidos, tem ‘efeitos de verdade’, constituem partes significativas das histórias pessoais.”

É necessário destacar que a escola propagou por décadas a exclusão, onde a mesma atestava aos pobres que os mesmos não tinham condições para seguir em frente, eram reprovados, tinham um péssimo rendimento escolar, não sabiam ter comportamentos adequados em sala de aula.

Seffner (2009) destaca que a escola tem uma tarefa fundamental neste momento que é justamente a de constituir-se como um local que efetivamente possa fazer a diferença na vida dos alunos provenientes de situações que acarretavam não acesso a ela. Ainda sim Seffner (2009), observa que a escola é um espaço público. É o local onde os alunos podem aprender de forma intensa a negociar as regras de convívio em espaços públicos, conhecimento que será necessário até o fim da vida. O estigma e a discriminação são barreiras à construção da cidadania plena de qualquer indivíduo, porém, não devem ser admitidos no espaço escolar.

Segundo Rios (2009) preconceito e discriminação como termos correlatos que apesar de designarem fenômenos diversos, são por vezes utilizados de modo intercambiado.

Preconceito designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos.

O preconceito e a discriminação sempre foram termos estudados e disputados, entretanto, só agora nos últimos anos, o preconceito e a discriminação voltados para a sexualidade passaram a merecer mais atenção. Devemos observar que discriminação e preconceito quando direcionados contra homossexuais resulta em caso de homofobia.

Para que possamos fazer uma melhor abordagem para essa investigação, buscando responder adequadamente aos objetivos da pesquisa, precisamos assim de uma melhor compreensão sobre o tema da homofobia.

Rios (2009) define homofobia como uma rejeição ou aversão a homossexual ou à homossexualidade. Sendo assim, a discriminação homofóbica seria, portanto, sintoma que se cria a fim de evitar uma situação de perigo, cuja presença foi assinalada pela geração de angústia (RIOS, 2009 *apud* FREUD, 1998).

As relações homofóbicas violentas podem ser resultados de graves conflitos internos com tendências homossexuais resultante da projeção de um sentimento de aversão. Tanto o preconceito como a discriminação enfrentados por homossexuais tem como elemento central

sua socialização. Na perspectiva dos direitos humanos, todos devemos contribuir para uma melhor compreensão e enfrentamento da homofobia.

Rios (2009) ainda relata que a homofobia, como expressão discriminatória intensa e cotidiana, ocorre sempre que distinções, exclusões, restrições ou preferências anulam ou prejudicam o reconhecimento, o gozo ou o exercício em pé de igualdade de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos econômicos, social cultural ou em qualquer campo da vida pública. Então sendo assim a qualificação de um ato como homofóbico não depende da intencionalidade do ato ou da situação ocasionadora da lesão aos direitos humanos e liberdades fundamentais afetadas. Há discriminação homofóbica sempre que de modo proposital ou não houve tal espécie de lesão a direitos, decorrentes da concretização de preconceito diante de estilos de ser e de viver divorciados do heterossexismo.(RIOS,2009)

4.1 A EXCLUSÃO E AS ESCOLAS BRASILEIRAS

Diante de toda a multiplicidade existente em nossa sociedade, podemos perceber que a cada situação relacional nos expressamos de formas diferentes, variando de grupo para grupo, de pessoa para pessoa, marcando a necessidade de uma ampliação de nossos universos de referencias para que possamos ser mais respeitosos com as expressões das diferenças.O que exige um trabalho pessoal de aproximação e diálogos com pessoas, valores e espaços que diferem de nós mesmos, de modo a diminuir as nossas ignorâncias e a produzir novos “modos de existencialização” em que a vida possa ser tomada com valor maior(PERES,2009).

Ao nascer o ser humano cai em uma sociedade marcada por modelos existenciais, ou melhor, o mesmo se ver em uma sociedade rotulada por modelos capitalistas, cristãos, patriarcalistas e heterossexuais, onde os ”normatizados” são tratados com respeito e oportunidades e os diferentes são tratados com desprezo e obstáculos.

Entretanto, é no convívio social, na relação que vai estabelecendo com a família, com a comunidade, com a escola, com os serviços de saúde, com a segurança pública, nas relações amorosas e afetivas sexuais e /ou de amizades, nas relações de trabalho e voluntariado que se é vivenciado todo o processo de subjetivação que tentara normatizá-los por meio de discursos cristalizados por valores moralistas, legalistas e conservadores. (PERES, 2009)

O que nos leva a observar que é na própria família que a discriminação, a violência e a exclusão têm início e a partir daí vai se propagando para a escola, para os serviços de saúde e demais espaços.A censura causa a desvalorização que leva a pessoa a se inferiorizar, perder a

auto-estima e aceitar toda imposição das censuras como verdades absolutas e de modos de ver a sua exclusão como algo natural, justo e inevitável.

A escola ainda se apresenta com muita dificuldade quando o assunto é orientação sexual e de identidade de gênero, muitas vezes mostra-se perdida e insegura, o que acaba causando a exclusão por meio de ações de violências ou de descaso fazendo de conta que nada está acontecendo (PERES, 2009).

A discriminação e o preconceito são muito frequentes nas escolas, seja por classe social, raça e etnia, gêneros, orientação sexual etc. Algumas escolas têm buscado a superação desse quadro. A iniciativa é tomada muitas vezes por professores ou até mesmo diretores que sensibilizados promovem o respeito, a solidariedade e a inclusão, através da valorização das diferenças e o respeito a sua expressão.

Mas ainda é muito frequente no espaço escolar ouvirmos relatos de desrespeito e homofobia e mais ainda da transfobia (medo, nojo e vergonha de se relacionar com travestis, transexuais e transgêneros). É importante relatar que quando um travesti chega à escola, o mesmo já viveu alguns transtornos na esfera familiar e comunitária, apresenta-se emocionalmente fragilizado o que o impede de criar forças para enfrentar a discriminação que a própria escola exerce, por falta de formação e respeito com as diferenças.

A discriminação dentro das escolas causa reação de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos ou a expulsão da escola contribuindo para a marginalização.

Conforme aponta Mello et al. (2009), a escola pouco aborda a situação de crianças que não se enquadram nos modelos de identidade de gênero hegemônicos ignorando-se conflitos e sofrimentos decorrentes de preconceitos, discriminações e violências de gêneros, homofóbicos ou transfóbicos.

Crianças e jovens em idade escolar, os filhos e as filhas de mulheres lésbicas e de homens gays. Crianças estas que constituem um conjunto crescente de alunos e alunas das escolas brasileiras, ignoradas pela vivência pública da maternidade por gays e lésbicas ainda é uma realidade no Brasil (MELLO et al., 2009).

Desse modo (MELLO et al., 2009) Destaca que “na escola essas famílias são geralmente invisíveis, com pais e mães muitas vezes orientando seus filhos e filhas a omitirem de seus colegas, professores, funcionários e diretores a composição não-convencional de sua família, especialmente nos casos onde as crianças convivem com um casal de indivíduos do mesmo sexo, por receio de que sejam vítimas de preconceito, de discriminação e de violência.”

Entretanto, é preciso que a escola busque ouvir e respeitar essas diferenças dentro do espaço familiar dos alunos e abra as portas para essa nova sociedade, dando a todos os alunos, sejam eles, heterossexual ou homossexual os mesmos direitos. Pesquisas já comprovaram que somente diante de uma educação voltada para o combate do preconceito e discriminação é que conseguiremos amenizar os altos índices de homofobia, preconceito e discriminação na sociedade.

De acordo com Mello et al.(2009) “estudos tem mostrado que sem um processo massivo de educação, em todas as esferas da sociedade é praticamente impossível assegurar uma igualdade legal e social entre diferenciados grupos sociossexuais em qualquer sociedade, pois ninguém nasce homofóbico, tampouco homofílico, sendo nossas crenças, valores atitudes resultantes de um processo de aprendizagem social.” Ainda sim com Mello et al., (2009) relata que “enquanto meninos e rapazes,em especial, forem estimulados por seus pais, pela escola, igrejas e pelos meios de comunicação de massa a considerar homossexuais e transgêneros seres humanos inferiores e cidadãos de segunda categoria, uma lei que puna a homofobia, por si só, não será capaz de parar a violência social contra gays, lésbicas e transgêneros.”

Existem diversas situações no cotidiano escolar, como as diversas comemorações e reuniões das turmas que podem servir de momentos propícios para que a escola possa ensinar e oferecer acolhimento a diversidade. (MELLO et al., 2009)

A orientação sexual faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que orientam o trabalho nas escolas de nosso país desde 1997. O termo adotado é educação sexual em vez de “orientação” sexual. No documento não fala na obrigatoriedade de uma disciplina específica para o tema, mas sugere que o mesmo faça parte do projeto pedagógico das instituições de ensino.

Segundo Carrara (2010), a agenda do movimento LGBT brasileiro envolve um conjunto bastante amplo de reivindicações: direito do reconhecimento legal de relações afetivo-sexuais, a adoção conjunta de crianças, à livre expressão de sua orientação sexual e / ou de gênero em espaços públicos, a redesignificação do” sexo” e a mudança do nome em documentos de identidades, ao acesso a políticas de saúde específicas e, ainda mais fundamental, à proteção do estado frente à violência por preconceito.

A promoção governamental de políticas públicas voltadas à população LGBT se estende por diferentes ministérios e tem sido fundamental para a própria organização do movimento. O governo federal promoveu a elaboração de um programa de ação específico-“Brasil Sem Homofobia: programa de combate a violência e a discriminação contra LGBT e de promoção

da Cidadania Homossexual”lançado em maio de 2004. O programa foi elaborado por uma comissão do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e pelo Ministério da Saúde, com a participação de varios ativistas e organizações militantes (CARRARA, 2010, p.10).

O programa “Brasil sem Homofobia” dedica um item às questões da educação, com a proposta da elaboração de diretrizes que orientam os sistemas de ensino na implantação de ações que comprovem o respeito ao cidadão e a garantia de não haver discriminação por orientação sexual.

Em 2004 é realizada a I Conferência Nacional de políticas para as mulheres e é elaborado o I Plano Nacional de políticas para as mulheres. Onde no item B do documento é apresentada uma proposta de educação inclusiva e não-sexista, tendo como um dos objetivos incorporar a perspectiva de gênero, raça, etnia e orientação sexual no processo educacional formal e informal.

Destacando que tanto o programa Brasil sem Homofobia quanto o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres têm em suas propostas de ação para a educação o trabalho com formação de professores na temática gênero, sexualidade e homofobia.

A Secretaria Especial de Direitos Humanos tem apoiado a criação de centros de referencia em direitos humanos com o objetivo de prevenir e combater a violência e a discriminação homofóbicas, dando apoio jurídico e psicossocial às vitimas. Muitos desses centros estão espalhados por todo país e implantados em organizações do movimento LGBT e outros em secretarias estaduais e municipais. (CARRARA, 2010)

Em 2006 foi ofertada a capacitação para professores “Saúde e Prevenção na escola” proposta pelo Governo Federal em parceria com estados e municípios. Com o objetivo de transformar os contextos de vulnerabilidade que expõem adolescentes e jovens à infecção pelo HIV e a aids, a outras doenças de transmissão sexual e à gravidez não planejada. O curso é dividido em unidades e as unidades em oficinas. (Mello et al., 2012).

Ainda sim, o Governo Federal ofertou em 2006 o curso Gênero e Diversidade na escola: formação de professoras/ores em gênero, orientação sexual e relações etnicos-raciais, sendo ofertado em algumas cidades. O curso aborda os temas gênero, sexualidade e relações etnicos-racial e tem como objetivo contribuir na formação de profissionais da educação da rede pública.

Em 2008 o projeto foi ampliado a parti de parcerias com a rede de educação para a diversidade, que reúne várias instituições públicas de educação superior dedicada à formação continuada semipresencial, onde foram selecionadas 19 instituições. Além dos cursos a partir de 2007 o Governo Federal também estimulou a discussão sobre enfrentamento do

preconceito e da discriminação relativos à orientação sexual e a identidade de gênero na escola por meio da publicação de livros a respeito dessa temática.

Entretanto a educação é uma área que perpassa toda a sociedade e como tal não é um ambiente que deve somente estudar português, matemática, ciências, mas aprender sobre cidadania e exercitar a convivência e o respeito. Segundo Mello et al. (2012) a escola deve estar preparada também para orientar os alunos a viverem em um mundo plural, onde práticas e desejos sexuais diferentes sejam possíveis e igualmente respeitados.

Porém, ainda existe a grande preocupação e necessidade de capacitação para que profissionais de educação e gestoras públicas possam/ consigam lidar com a diversidade-étnico-racial, religiosa e, especialmente no âmbito da sexualidade, entre outras, pois uma constatação que surge é que profissionais não estão” preparados” –qualificados e sensibilizados- para lidar com esses temas e por isso se calam diante de tantos atos de preconceito e discriminação (MELLO et al. 2012)

Entretanto, é necessário que as discussões sobre gênero permaneçam inseridas e problematizadas no campo educacional por meio de debates e de divulgação da produção científica, sobretudo para os professores que trabalham diretamente com a formação, para proporcionar discussões que visem à elaboração de métodos e recursos pedagógicos a serem empregados na prática, para evitar a desigualdade no tratamento de meninos e meninas na escola. Antes, porém, é preciso investir na formação desses professores em sexualidade. A escola é um espaço ideal para o tratamento de questões polêmicas sobre a diversidade cultural e sexual, pois, além de ser um local onde as diferenças individuais são múltiplas e aparentes, é também um local onde o debate deve acontecer continuamente, com vistas à aprendizagem e à prática do pensamento crítico, promovendo entre todos os agentes escolares o convívio respeitoso e democrático.

5- METODOLOGIA

5.1- O LOCCUS DA PESQUISA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO JOSÉ LUIZ NETO.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Luiz Neto está localizada na Rua Prefeito João Inácio, número 170, centro, Barra de Santa Rosa/PB. A escola apresenta um quadro no total de 800 alunos matriculados, oferecendo o ensino nas modalidades: Fundamental (6º ao 9º ano), Médio e Educação Jovens e Adultos(EJA).

Por ser a única escola no município que oferece o ensino médio hoje a escola abrange alunos de todas as classes sociais. Sua estrutura física é composta por um amplo espaço, com nove salas de aulas, uma biblioteca, um laboratório de informática, um laboratório de química, física e matemática, a sala de professores, sala de vídeo, uma sala multifuncional, uma quadra de esporte, quatro banheiros, uma secretaria, uma diretoria, uma cantina e o pátio de recreação. Atualmente o corpo docente é formado por 28 professores licenciados na área de atuação e boa parte especialista, sendo 17 deles efetivos e 11 contratados. A escola também conta com 27 funcionários que trabalham como o pessoal de apoio (merendeira, faxineira, bibliotecário, secretários, auxiliar técnicos e etc.).

A EEEFM José Luiz Neto oferece o ensino em três turnos: manhã, tarde e noite. O alunado do turno diurno é composto por jovens de faixa etária de 10 a 20 anos, são oriundos de famílias nas quais a participação dos pais na vida escolar é bem reduzida, visto que os mesmos trabalham durante o dia e não tem tempo de participarem da vida escolar de seus filhos. Os alunos do turno da tarde e noite pertencem a faixa etária de 16 à 35 anos, são trabalhadores, moram na zona rural e possuem uma trajetória marcada por dificuldade de aprendizagem que promovem a repetência e a evasão.

A escola atualmente está com o quadro de professores completo apesar de há três anos ter passado por sérios problemas na contratação de professores. Cada professor na sua área de formação adequada.

A proposta pedagógica da escola tem como foco principal a busca pelo bom desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, prepará-los seja para os vestibulares, para o mercado de trabalho, ou para atuarem como cidadãos conscientes de seus direitos/deveres diante das mais diversas atividades da vida cotidiana.

O projeto político pedagógico (PPP) tem como objetivos gerais: Conquistar autonomia para a unidade escolar, abrindo as portas para a realização de experiências inovadoras, ousadas e desafiadoras; organizar e desenvolver situações de ensino: respeitando diferenças relacionadas a fatores tais como nível socioeconômico, cultura, etnia, gênero, religião e outros, entre outros objetivos estão selecionar conteúdos, objetivos de ensino, planejamento de instrumentos de avaliação diversificados e a relação entre o meio social e a educação.

A escola elencou no Projeto Político Pedagógico como missão a reorganização do trabalho escolar diminuindo a distância entre o real e o ideal, reconstruindo-se com base em uma gestão democrática com responsabilidade social e transparência das ações.

5.2 - MÉTODO DA PESQUISA

O presente trabalho será uma pesquisa sobre os discursos dos professores da EEEFM José Luiz Neto acerca do tema da homossexualidade. A ciência é uma copilação de ótimas explicações sobre coisas físicas, biológicas e sociológicas. É a explicação para o funcionamento das coisas em geral, desde a química e o sistema solar até as culturas (Stake, 2011).

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Segundo Stake (2011) o pensamento qualitativo um fundamento ou uma disposição para o pensamento quantitativo. O pensamento qualitativo é muito mais e estar misturado com todas as etapas do trabalho científico.

De acordo com Flick (2009) a pesquisa qualitativa abrange um entendimento específico da relação entre o tema e o método de uma forma muito restrita ela é compatível com a lógica da pesquisa familiar à pesquisa experimental ou quantitativa. O processo da pesquisa pode ser habilmente organizado em uma sequência linear de etapas conceituais metodológicas e empíricas. O pesquisador precisará levar em consideração, o fato de que há uma interdependência mútua das etapas isoladas do processo da pesquisa.

Entretanto, segundo Oliveira (2008), o pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos.

A entrevista é um dos principais instrumentos de coleta de dados usados nas pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos. De acordo com (Oliveira, 2008) *apud* (Ludke e André, 1986, p.34), a grande vantagem dessa técnica em relação as outras é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

Nesta pesquisa optamos por uma entrevista semiestruturada, pois segundo Oliveira (2008) dar uma maior possibilidade de entendimento das questões estudadas nesse ambiente,

uma vez que permite não somente a realização de perguntas que são necessárias à pesquisa e não podem deixar de lado, mas também a relativização dessas perguntas dando liberdade ao entrevistado e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos pelo pesquisador, o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão.

5.3 PROCEDIMENTOS

O processo de construção do corpus dessa pesquisa teve como principal ferramenta a busca por relatos de professores que foram coletados através de uma entrevista semiestruturada. Como temos como objetivo investigar os sentidos e valores que educadores apresentam sobre o tema da homossexualidade o principal recurso foi a gravação da entrevista através de um aparelho de gravação, onde foi realizada oito perguntas para que houvesse uma discussão e não apenas um interrogatório.

Segundo Oliveira (2008) *apud* (Ludke e André, 1986), a técnica de entrevista que mais se adapta aos estudos do ambiente educacional é a que apresenta um esquema mais livre, já que esse instrumento permite mais flexibilidade no momento da entrevistar os professores, os alunos, os pais, os diretores, os coordenadores, os orientadores.

A entrevista foi realizada com oito professores de diferentes disciplinas e diferentes turmas, para que possamos analisar em quais disciplinas o tema da diversidade aparece no currículo e em quais turmas os professores se sentem mais a vontade para falar sobre o tema.

6- ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados será apresentada da seguinte forma: No primeiro item será realizada a análise do Projeto político pedagógico e no segundo item a análise das entrevistas realizadas com o oito professores da EEEFM José Luiz Neto.

6.1 - ANÁLISE DO PPP DA EEEFM JOSÉ LUIZ NETO

Segundo o PPP da EEEFM José Luiz Neto o foco principal da mesma é a busca pelo desenvolvimento e aprendizagem de nossos alunos preparando-os, seja para os vestibulares, para o mercado de trabalho, ou seja, para atuarem como cidadãos conscientes de seus direitos/deveres diante das mais diversas atividades da sua vida cotidiana. O que podemos

observar logo no início do PPP é que a escola está preocupada com a aprendizagem do aluno para que o mesmo passe em um vestibular e siga sua carreira profissional, entretanto a escola diz que prepara seus alunos para atuarem como cidadão conscientes de seus direitos e deveres, mas o que vemos é que seus direitos ficam esquecidos, muitas quando em vez de buscar promover campanhas educativas dentro da escola, acaba muitas vezes omitindo trabalhar com alguns temas tais como a diversidade sexual, entretanto, segundo Egypto (2009) uma questão tão importante como é a da sexualidade não poderia deixar de ser trabalhada na educação e se constitui política pública. Egypto (2009) ainda destaca que a expressão orientação sexual nas escolas foi cunhada para designar o processo pedagógico planejado e sistematizado que cabe as instituições educacionais, de forma a atender as demandas que decorrem de uma discussão franca e aberta da sexualidade, tão absolutamente indispensável na contemporaneidade o que muitas vezes se observa é que a escola demonstra imparcial diante da diversidade sexual.

No item III do PPP destaca que a escola é responsável pela promoção do desenvolvimento cidadão, cabe a ela definir-se pelo tipo de pessoa que deseja formar, de acordo com a sua visão de sociedade, entretanto, Junqueira (2009) atenta que em virtude de um possível cálculo de que uma manifestação explicitamente contrária ao reconhecimento da diversidade sexual passa conduzir a uma perda política ou produzir algum embaraço entre bem pensantes, a estratégia comumente adotada é a concordância infrutífera.

O que nos leva a questionar, que tipo de educação é essa que a escola impõe o tipo de cidadão que deseja formar? Como a escola pode adotar um modelo a seguir? Então digamos que a escola esteja preocupada em formar heterossexuais e que a mesma não percebeu que vivemos em uma nova sociedade com um novo quadro familiar. E como a escola pode se adequar a esse novo quadro se a mesma já adotou um modelo de cidadão? Conforme destaca Egypto à escola cabe definir objetivos, métodos e técnicas de ação, além de avaliar e revisar continuamente todo o processo pedagógico.

Ainda no item III encontramos uma fala que contradiz a anterior quando diz: “em nossa escola pretendemos lutar para a consignação de uma sociedade justa, solidaria, sem preconceito, pacífica, fraterna e mais humana”. O que nos leva a observar que quando a escola adota um modelo de cidadão já acaba excluindo os outros (modelos) que não se “adéquam a escola”. Uma escola que tem seus modelos favoritos acaba excluindo, ou melhor, demonstra aversão aos outros. “No mesmo item o PPP apresenta uma fala que diz:” A escola que pretendemos construir e ofertar aos nossos alunos a partir desse documento é aquela em que os conhecimentos prévios e de mundo se atualizam constantemente, priorizando a formação formal (conhecimentos) aliada à formação humana (valores), salientando-se a visão

de ofertar uma educação que seja voltada à formação científica, mas que ao mesmo tempo, resgate a "essência" do ser humano, nas suas múltiplas dimensões." Como assim? Qual é a essência do ser humano? O que a escola entende como essência? Segundo o dicionário Michaelis() essência é *sf (lat essentia)* Natureza íntima das coisas; aquilo que faz que uma coisa seja o que é, ou que lhe dá a aparência dominante; aquilo que constitui a natureza de um objeto substância. Então podemos dizer que a escola acredite que a essência seria heterossexuais e que sujeitos homossexuais não constitui o tipo de essência que a escola adota, e acabara excluídos da escola por não fazer parte aos que pertence ou melhor contem a essência.

Em outra fala a escola relata que "um dos principais norteadores do compromisso constante de todos os agentes educativos de nossa escola, envolvidos no processo, criando-se a visão da necessidade de uma educação que dê conta de formar pessoas capazes de serem sujeitos de suas vidas, conscientes de suas opções, valores e projetos e atores sociais comprometidos com novo tipo de sociedade e de humanidade." Mais uma vez a escola tem uma preocupação com opções, valores e projetos e acredita que os sujeitos não têm consciência de suas escolhas e por isso muitas vezes acabam criando um modelo desejado pela escola e pela sociedade.

Conforme Egypto (2009) no trabalho de orientação sexual na escola se lida com valores sem procurar impô-los, o que não é tarefa fácil. A postura utilizada é a da condução de debates, nos quais a informação é elemento essencial, mas não o suficiente. Dai o uso metodologia participativa, em que o conhecimento se constrói coletivamente. Verdades não são impostas, nem o professor assume posicionamentos diretivos. Ele tem como referencia valores gerais, como o respeito ao outro, a diversidade, à inclusão social e a democracia. O que importa é o processo de construir conhecimentos e incorporar comportamentos e ações consistentes. Nós sabemos que hoje existe sim um novo modelo de sociedade, que deve ser levado em conta pela escola, sem que a mesma se omita ou apresente discursos tidos como "verdadeiros". Observa-se que a escola faz sim menção no PPP da escola a questão da diversidade e que aborda os direitos humanos em sua prática pedagógica.

No item IV do documento a escola relata sobre o grande desafio quanto a melhoria dos seus resultados, pois além de considerável índice de evasão do ensino médio, também é alta a taxa de reprovação no ensino fundamental, principalmente nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa diagnosticados na avaliação final de cada ano e segundo a escola o objetivo seria melhorar os índices educacionais num clima favorável ao "respeito mutuo e de democracia participativa."

Para Junqueira(2009) transformar a escola um ambiente efetivamente educativo para todas as pessoas, numa perspectiva crítica, democrática, transformadora, libertária e emancipatória requer, entre outras coisas, que nela a diversidade seja considerada, além de um direito, um fator de estímulo e de enriquecimento. Ainda Junqueira (2009) destaca que o respeito, o reconhecimento de singularidades de indivíduos e grupos e a valorização da pluralidade cultural não só podem humanizar a construção do conhecimento, como também podem se revelar fatores indispensáveis para se desenvolverem a criatividade e o pensamento crítico e consciente. O respeito a diversidade é elemento imprescindível para se garantir a formação para cidadania e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem convém repetir, em favor de cada pessoa.

Nos objetivos específicos a escola apresenta como proposta “possibilitar a formação pedagógica social, de forma que o aluno possa atuar como cidadão e como profissional consciente e responsável: pautando-se por princípios da ética democrática, dignidade, respeito mútuo, justiça, participação, responsabilidade, dialogo e solidariedade.” Entretanto é possível observar que a escola propõe uma proposta de conscientização, mas que a mesma não promove essa discussão com os educadores e acaba criando um discurso que fica apenas no papel o que de acordo com Egypto (2009) o trabalho com a diversidade sexual na educação supõe objetivos amplos e até pretensiosos. A questão é complexa, multidisciplinar, desafiadora. Mas é preciso pensar grande e buscar eficácia nas ações. Um bom ponto de partida como Egypto (2009) aborda seria um curso que aborde os passos básicos para implantação de programas de orientação sexual nas escolas que inclua postura, metodologia, aspecto biológico, e temas polêmicos, procurando gerar reflexão, ajudando o educador a lidar com suas dificuldades, barreiras e seus preconceitos diante do tema da sexualidade.

6.2 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

As análises dos dados colhidos nas entrevistas realizadas com oito professores da EEEFM José Luiz Neto, envolvidos na pesquisa de campo, no qual foram denominados por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e p8 sendo quatro professores do ensino fundamental e quatro do ensino médio de diferentes disciplinas. As respostas serão destacadas com aspas e negrito.

Primeira pergunta: Qual é a sua opinião sobre diversidade sexual nas escolas?

Ao analisarmos os relatos dos professores podemos destacar que a opinião dos professores acerca do tema da diversidade sexual em sala de aula nos mostra que todos concordam que o tema deve ser abordado, desde que a escola proponha uma formação até porque os professores não estão preparados para falar sobre a diversidade e se não estão preparados não saberão abordar o assunto na sala de aula.

Segundo o professor P3:

Eu acho que a primeira coisa que devemos levar em consideração é que é um tabu né? Acho que a gente não ta preparado para falar sobre diversidade sexual, e se a gente não ta preparado se for falar mal preparado acho que piora a situação. A gente tem que pelo menos passar por um curso de formação ou ir devagar a gente deve levar em consideração que nossa sociedade é bastante conservadora e cristã também.

Para o professor P5:

Ela existe, e existe muito preconceito por falta de conhecimento, por parte dos alunos e de alguns funcionários e professores.

Os outros professores P1, P4, P5, p6, P7, P8 acreditam que o tema deve ser abordado em sala de aula desde o fundamental I até o ensino médio. Com os dados descritos acima podemos observar que o tema é aceito pelo professor, mas o que dificulta a inserção do tema nas salas de aula é a falta de “formação adequada” para os professores.

Segunda pergunta: Você se sente a vontade (ou melhor, preparado) para trabalhar sobre a diversidade sexual na escola? Por quê?

Quando questionados sobre se os mesmos sentiam-se preparados ou a vontade para abordar o tema alguns relataram que sim, mas de acordo com P2:

Não, eu não me sinto ainda. Eu acho interessante que a escola devia informar mais o professor com relação a esse tema principalmente de que maneira pode ser trabalhada com um profissional pra auxiliar.

P3 destaca:

Não apesar de eu ser da área da filosofia que é uma área muito aberta né? E provoca questionamento, mas eu não me sinto a vontade até por que também minha formação familiar conservadora.

Segundo Junqueira (2009) profissionais da educação, no entanto, ainda não contam com suficientes diretrizes e instrumentos adequados para enfrentar os desafios relacionados aos direitos sexuais e a diversidade sexual. É comum que tais profissionais declarem não saber como agir diante de determinadas situações em sala de aula.

Terceira pergunta: Esta unidade de ensino oferece o trabalho com diversidade sexual? De acordo com os relatos dos professores podemos observar que todos os professores responderam que não, e que ambos tentam buscar as respostas para orientar os alunos como destaca p4:

Não, não oferece, mas pela questão interdisciplinar, que sempre nós no momento que estamos trabalhando determinados assuntos, entra um questão dessa algo a gente tem que esclarecer e tornar a realidade de uma forma aceitável a todos.

O professor P8 relatou:

Apesar de estar aqui a pouco tempo, nunca observei nenhuma movimentação da escola diante do tema da diversidade sexual.

De acordo com Carrara (2009) a escola precisa estar sempre preparada para apresentar não uma verdade absoluta, mas sim uma reflexão que possibilite aos alunos e às alunas compreenderem as implicações éticas e políticas de diferentes posições sobre o tema e construam sua própria opinião nesse debate.

Para Carrara (2009) Ao discutir tais questões com os/as professores/as brasileiros/as, busca-se contribuir, mesmo que modestamente, com a escola em sua missão de formadora de pessoas dotadas de espírito crítico e de instrumentos conceituais para se posicionarem com

equilíbrio em um mundo de diferenças e de infinitas variações. Pessoas que possam refletir sobre o acesso de todos/as à cidadania e compreender que, dentro dos limites da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não utilizadas como critérios de exclusão social e política.

Quarta Pergunta: Você considera que o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor? Quando questionados sobre se o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor os professores a maior parte responderam que não, apenas o professor p5 relatou:

O meu é, eu tiro qualquer duvida.

Já de acordo com P8:

Não infelizmente ainda há muito a se fazer.

O que nos leva a observar que apesar de muitos professores já terem bastantes anos de sala de aula, alguns buscam ajudar seus alunos, mesmo sem terem uma formação e sem o apoio da escola já que a mesma não oferece o trabalho com o tema da diversidade sexual em sala de aula. Mas ainda com relação à pergunta sobre o trabalho realizado vale destacar o relato do entrevistado P3:

Não, não é... não é, e eu acho também que nesse trabalho não leve em consideração ou pelo menos leve um mau entendido com a religião que a gente tem o seguinte, que a igreja cristã, que a igreja restante no geral ela provoca preconceito mas no meu entendimento é dessa forma, eu acho que a igreja protestante tem o seu posicionamento que precisa ser respeitado, então existe mau entendidos quando se fala de igreja muita gente pensa que a igreja fomenta preconceito, mas no meu entendimento não é assim, a igreja tem o posicionamento dela que merece ser respeitado.

A fala do nosso entrevistado P3 revela que a religião faz um posicionamento e que muitas vezes a religião pode privar alguns profissionais em sala de aula de trabalharem com o tema, já que a religião tem seu posicionamento e que deve ser respeitado.

Segundo Seffner (2009) a escola é um espaço público e necessariamente laico. Desta forma, aquilo que as religiões pensam e dizem acerca da sexualidade humana não deve virar regra dentro da escola. As regras da escola são as regras do espaço público, regras

democráticas de convívio, valorização e respeito da diferença. Escola não é igreja e professor não é sacerdote ou pastor.

Quinta Pergunta: A escola oferece preparação e treinamento aos professores para abordar o tema em sala de aula?

P7 Destacou:

Não, nunca participei o que aparece são cartazes que vem de fora, propagandas.

Para P8:

Eu acredito que a escola não esteja preocupada em dar treinamento aos professores sobre diversidade sexual, mas preocupa-se com o número de alunos aprovados no vestibular.

Políticas sócio educacionais e práticas pedagógicas inclusivas voltadas a garantir à permanência, a formação de qualidade, a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das diversas orientações sexuais e identidades de gênero [e étnico-raiciais], contribuem para a melhoria do contexto educacional e apresentam um potencial transformador que ultrapassa os limites da escola, em favor da consolidação da democracia” (Texto-base da Conferência Nacional de LGBT – Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays,lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, p. 19, 2008).

De acordo com os relatos dos professores podemos observar que infelizmente a escola não aborda o tema da diversidade e não oferece formação aos seus educadores para abordar a temática.

Sexta pergunta: Você acha que os professores precisam de treinamento específico para trabalhar o tema?

Para P2: De certa forma sim por que se trata de criança e adolescente principalmente nesse quesito com relação a idade.

P3 relatou que:

Sim, eu acho que como eu te falei no inicio da entrevista é um tema complexo, que não leva em consideração só a escola, mas a família, a carga moral que a gente trás deste o nascimento, então se é um tema complexo é necessário que a gente tenha uma formação nesse sentido.

Ainda relacionada a essa pergunta sobre a necessidade de uma formação os entrevistados P1, P6 e P7 destaca:

P1-eu acredito que não, porque professor, ele tem... é um formador de opinião... e ele deve ser uma pessoa sempre atualizada e ler. E a diversidade sexual é um tema abrangente em todos os locais, em todos os momentos, no dia a dia de cada um.

P6- pelo menos o material, capacitação acredito que se tivéssemos materiais disponíveis, como vídeos, eu acredito que o trabalho seria feito.

P7- não todos, porque alguma disciplina já tem uma base boa como à sociologia, a filosofia e a biologia.

Seffner (2009) afirma que as questões que envolvem a diversidade sexual são complexas e exigem estudo por parte dos professores. Devemos lutar para ter acesso a materiais pedagógicos adequados, a cursos de formação, a participação em eventos que discutam os temas da sexualidade. Não devemos abordar nenhum tema de forma improvisada na escola. Escola é lugar de aprendizagens, e isto se faz de forma planejada.

Os relatos dos professores apontam uma necessidade de formação para os professores. Alguns ainda relataram que não, outros que necessitam de material o que muitas vezes a escola não oferece. A formação é importante já que com alguns professores relataram não ter idéia de como abordar o tema em suas aulas.

Sétima pergunta: Você sabe que o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado na sala de aula por qualquer disciplina. Então o que você acha deve ter uma disciplina especifica ou não todas devem aborda o tema?

Com respeito a essa questão o P8 relatou:

Concordo, pois não é uma questão de área especifica, mas uma questão de formação de cidadania que deve ser feita por qualquer disciplina.

Para P6:

Deve haver disciplina específica, que dizer esclarecimentos com disciplina específica embora seja trabalhada de um modo geram em todas as disciplinas, mas com um maior esclarecimento naquela específica. Sendo a biologia a disciplina mais apropriada para abordar o tema.

O professor P7 relatou:

Na parte da biologia seria bem interessante o ser humano né? mas fazer uma ponte entre química e matemática seria bastante complexo.

A fala de P8 nos mostra que o professor acredita não haver necessidade de disciplina específica, entretanto já a fala de P6 e P7 e demais professores nos leva a constatar que os educadores apontam a biologia como a disciplina específica para abordar o tema, e que muitos ainda se omitem trabalharem o tema alegando não ser de sua área.

Oitava pergunta: Você sabe ou observou se o tema da diversidade sexual é contemplado no PPP da escola?

Podemos observar que a maior parte dos professores entrevistados, responderam não ter observado, apenas P7 relatou:

Tem uma ligeira menção na parte da biologia, mas não o suficiente.

Seffner (2009) relata que as questões que dizem respeito à inclusão da diversidade sexual, a valorização da diferença, a construção de um ambiente de respeito e acolhida para com as diferentes formas de viver a sexualidade devem constar claramente nos documentos oficiais da escola, quais sejam, o Projeto político pedagógico (PPP), o Regimento Escolar, os Planos de Ensino e de Estudos etc.

A diversidade está presente em cada entrelinha, em cada imagem, em cada dado, nas diferentes áreas do conhecimento, valorizando-a ou negando-a. É no ambiente escolar que as diversidades podem ser respeitadas ou negadas “A diversidade, devidamente reconhecida, é um recurso social dotado de alta potencialidade pedagógica e libertadora. A sua valorização é indispensável para o desenvolvimento e a inclusão de todos os indivíduos (Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações

Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.)

Ao observar os relatos dos professores e o PPP da escola podemos relatar que o documento apresenta sim uma proposta de trabalho direcionada aos direitos humanos, voltada para uma formação em que os conhecimentos prévios e de mundo se atualizam constantemente, priorizando a formação formal (conhecimentos) aliada à formação humana (valores). O que nos revela que existe uma proposta, embora a escola não ofereça nenhum tipo de discussão com seus professores, o que é constatado nos relatos dos professores e que nos leva a entender que a escola apresenta um discurso na teoria no documento oficial da escola (PPP) e que esse discurso fica apenas no papel. Não existe nenhuma formação para os educadores e nenhuma discussão acerca do tema da diversidade e não é oferecido nenhum material para que os professores possam abordar o tema em suas salas de aula. O que existe são apenas propagandas com cartazes que são promovidos pelo Governo Federal e que muitas vezes não passam de campanhas que são ignoradas pela escola.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da articulação entre teoria (relatos de professores e análise do PPP) e a prática adotada na realização da pesquisa (coleta e análises dos dados) alcança-se algumas conclusões relacionadas ao tema da diversidade sexual em sala de aula seja nos discursos dos docentes, seja no documento da escola o que mostram as dificuldades das práticas pedagógicas sem uma formação sobre a diversidade sexual e a falta de matérias para os educadores.

Os referenciais teóricos utilizados na pesquisa e os dados coletados apontam para uma abordagem do tema da diversidade sexual na sala de aula e para uma formação direcionada a professores com matérias necessários para a prática da sala de aula voltada para uma formação centrada nos valores humanos.

De um lado o referencial teórico aponta para políticas de inclusão do tema da diversidade sexual em sala de aula, do outro a necessidade de formação dos profissionais de educação para que melhor possam atender esses alunos que muitas vezes passam despercebidos em sala de aula.

As discussões hoje apontam para que a diversidade sexual seja abordada em sala de aula, já que a sala de aula é um lugar de grandes discussões e a escola adquire o papel de formador de cidadão consciente de suas ações, valores e projetos. O que exige do educador uma postura de condução sem assumir nenhum posicionamento diretivo.

Em pesquisas bibliográficas observam-se teóricos da educação que atentam para formação adequada de professores e conhecimento para melhorar a prática já que o tema é polemico o que se faz necessário conhecimento para que todas as disciplinas possam abordar o tema.

Uma sociedade democrática e suas instituições (inclusive a escola) devem esforçar-se para coibir e impedir a intolerância o que muitas vezes em pesquisas consagradas apontam que a escola ainda se nega a perceber e a reconhecer as diferenças de públicos mostrando-se indiferente.

De um modo geral podemos concluir que todos os profissionais entrevistados mostraram-se dispostos a abordarem o tema em sala de aula e relataram a necessidade de formação adequada o que nos mostra que os discursos dos educadores não apresentam aversão a diversidade sexual, mas que a maior parte relatou sentir a necessidade de formação e quanto a análise do documento de PPP da escola podemos observar que o mesmo apresenta

uma proposta de direitos humanos e que acaba ficando apenas registrada no documento não fazendo parte das ações da escola.

Diante dos expostos e dos dados coletados no âmbito do campo da diversidade sexual para a efetivação de uma proposta de abordagem do tema em sala de aula se faz necessário as seguintes considerações:

Que os órgãos responsáveis pela educação realizem um trabalho mais efetivo oferecendo parcerias com agencias formadoras (Universidades, Faculdades e etc.) cursos para o corpo docente da escola a fim de viabilizar a aprendizagem dos alunos.

Que a escola observe mais suas propostas curriculares a fim de que sejam efetivadas na prática, deixando de ser apenas teoria, passando a se concretizar na prática docente. E que além de formação continuada adequada, a escola ofereça materiais necessários para que os professores possam ter subsídios para auxiliarem na pratica da sala de aula.

Portanto, a pesquisa destaca a necessidade da ter formação sobre diversidade sexual para professores e que todos os educadores de todas as disciplinas possam senti-se preparados para abordarem o tema em suas aulas, desenvolver estudos sobre a sexualidade abrindo discussões voltadas para a melhoria e principalmente o respeito ao ser humano e as diferenças encontradas dentro e fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. CUNHA, Ana Lucia. Discriminação: uma face da violência nas escolas. IN Revista Linha Direta: educação por escrito, 2009.

ALMEIDA, Miguel vale. **Senhores de si: uma representação antropológica da masculinidade.** LISBOA: Fim de Século, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002a.

BRASIL. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos,** cadernos SECAD/MEC, Brasília: A secretaria, 2001.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez.

CARRARA, S. **Políticas e Direitos Sexuais no Brasil Contemporâneo.** Bagoas, Rio de Janeiro, n.5, c.8, p.131-147,.

CEPESC, **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.** Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro. Brasília: SPM, 2009. Disponível em: [HTTP://www.ggb.org.br](http://www.ggb.org.br).....http, acessado em 30 de maio de 2013.

EGYPTO, Antonio Carlos. **Orientação Sexual nas Escolas Públicas De São Paulo.** 2009 IN

FLICK, U. **Introdução à pesquisa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

Grupo Gay da Bahia -GGB(2012)Disponível em <http://www.ggb.org.br/ggb.html> acessado em 10/11/2013.

JUNQUEIRA, Rogério. 2009, **Coleção Educação para todos,** Brasília, vol.32.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Educação e Homofobia: O Reconhecimento da Diversidade Sexual para Além do Multiculturalismo Liberal**. 2009. IN UNESCO, **Diversidade Sexual: Problematização Sobre Homofobia nas Escolas**, Org. JUNQUEIRA, Rogério. 2009, coleção Educação para todos, Brasília, vol.32.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Aqui não temos Gays nem Lésbicas: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas**.IN Revista Bagoas,nº04,2009,p.171-189.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. 2009 IN UNESCO, **Diversidade Sexual: Problematização Sobre Homofobia nas Escolas**, Org. JUNQUEIRA, Rogério. 2009, Coleção Educação para todos, Brasília, vol.32.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte:Autentica,1999.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. A.S., **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU,1986.P.1-10.

MELLO, Luiz; FREITAS, Fatima; PEDROSA, Claudio; BRITO Walderes. P ara além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil.IN Revista Bagoas,nº07,2012,p.99-122.

MELLO, L.; GROSSI, M.P.; UZIEL, A. P. **A escola e as Filhas de lésbicas e gays: Reflexões sobre Conjugalidade e Parentalidade no Brasil**.2009 IN UNESCO, **Diversidade Sexual: Problematização Sobre Homofobia nas Escolas**, Org. JUNQUEIRA, Rogério. 2009, coleção Educação para todos, Brasília, vol.32.

MICHAELLIS, Editora Melhoramentos Ltda, 2009.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. **Um apanhado teórico conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Revista Travessias,vol.2,2008.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Pluralidade Cultural: Orientação Sexual/ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental.** -3ed. Brasília: A secretaria, 2011.

PERES, Wiliam Siqueira. **Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a Escola Brasileira,** 2009. IN UNESCO, **Diversidade Sexual: Problematização Sobre Homofobia nas Escolas,** Org. JUNQUEIRA, Rogério. 2009, Coleção Educação para todos, Brasília, vol.32.

PNDH II – Programa Nacional De Direitos Humanos, Ministério da Justiça, Governo Federal, Secretaria do Estado dos Direitos Humanos, 2011, disponível: <http://politicaedireitoshumanos.files.wordpress.com/2011/09/texto-integral-do-pndh2.pdf>, acessado em 09 de junho de 2013

Presidência da Republica, LEI N° 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente,** Disponíveis em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm, acessado em 27 de D dezembro de 2013.

RIBEIRO, André. **Homofobia na Escola.** Bahia, 2003.

RIOS, Roger Raupp. **Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos Sobre Preconceito e Discriminação.** 2009 IN UNESCO, **Diversidade Sexual: Problematização Sobre Homofobia nas Escolas,** Org. JUNQUEIRA, Rogério. 2009. Coleção Educação para todos, Brasília, vol.32.

SEFNER, Fernando. **Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar.** 2009 IN UNESCO, **Diversidade Sexual: Problematização Sobre Homofobia nas Escolas,**Org. JUNQUEIRA,Rogério.2009,coleção Educação para todos,Brasília, vol.32

STAKE, R. **Pesquisa Qualitativa: como as coisas funcionam,** Porto Alegre: Penso2011.

UNESCO, **Declaração dos Direitos Humanos,** 1995.

UNESCO, **Diversidade Sexual: Problematização Sobre Homofobia nas Escolas**, Org.

UNESCO, **Diversidade na Educação** _____2009, coleção educação para todos, vol.32
www.presidencia.gov.br/sedh, Acessado em 20 de dezembro de 2013.

APÊNDICES

APÊNDICES A: AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Luiz Neto, localizada no município de Barra de Santa Rosa autoriza a realização da pesquisa com o título “**Sentidos e valores atribuídos pelos professores acerca do tema homossexualidade**” onde esse estudo tem como objetivo investigar os discursos de professores acerca da diversidade sexual, a pesquisa realizada pela aluna **Maria José Almeida Silva**, sob a orientação do **Prof. Ms. Leonardo de Mello Cavalcante**. Durante a realização da pesquisa a acadêmica e seu orientador estão autorizados a freqüentar a instituição para coleta de dados. O horário e organização da coleta de dados serão negociados com os professores entrevistados. Os dados coletados serão mantidos em sigilo e utilizados somente para os objetivos da pesquisa. A acadêmica e seu professor orientador ficarão disponíveis para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa.

Aluna: Maria José Almeida Silva - Fone (83)-91828431

Orientador: Prof. Ms. Leonardo de Mello Cavalcante- Fone (84)99533510

Local da Pesquisa: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Luiz Neto, Localizada na rua Prefeito João Inácio, s/n, Centro, Barra de Santa Rosa/PB

Validade da autorização: de Setembro de 2013 a março de 2014

APÊNDICES-B- APRESENTAÇÃO DO TERNO DE CONSENTIMENTO

Meu nome é Maria Jose Almeida Silva, sou aluna da Universidade Federal de Campina Grande- Centro de Educação e Saúde - UFCG/CES e juntamente com meu professor e orientador Leonardo de Mello Cavalcante, estou estudando o discurso de professores acerca do tema da diversidade sexual na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Luiz Neto e pretendo diagnosticar como esses discursos comparecem na fala dos professores ao mesmo para atuarem diretamente com esses alunos. Para que eu possa completar o meu trabalho, precisarei fazer-lhe algumas perguntas. As perguntas poderão ser respondidas através de uma entrevista realizada por mim e, somente eu, terei acesso a elas. No meu trabalho escrito só aparecerão às respostas dos entrevistados de forma que ninguém conseguirá identificar sua origem porque usaremos nomes fictícios. A participação não trará qualquer risco, desconforto ou comprometimento para você. Queremos com a sua participação pensar em estratégias que possam melhorar a formação de professores da nossa região. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo pode entrar em contato diretamente com o meu orientador Professor. Pelo telefone (84) 99533510 ou comigo mesma no telefone (83) 91828431. Caso concorde em participar desta pesquisa assine em baixo.

Eu, _____,

Fui esclarecido (a) sobre a pesquisa: discursos de professores acerca do tema da diversidade sexual e declaro que as perguntas foram respondidas por mim.

APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

I) PROFESSOR 1-PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO

“E- **Qual é a sua opinião sobre diversidade sexual nas escolas?** P1- tem que ser trabalhado no âmbito geral, do ensino fundamental I ao ensino médio.”

“E- **Você se sente a vontade (ou melhor, preparado) para trabalhar sobre a diversidade sexual na escola? Por quê?** P1- Sem sombra de duvida, o professor desde então que ele se propõe de ser um professor, ele deve tá sempre preparado, não só para a diversidade sexual, como psicólogo e professor de sua própria disciplina.”

E- **esta unidade de ensino oferece o trabalho com diversidade sexual?** P1- em partes... em partes .E- **você poderia relatar melhor “como assim em partes?”**P1- não no ensino fundamental. Só mais o pessoal adulto. “E onde deveria ser mais explorado é no ensino fundamental, onde esta a faixa etária dos adolescentes.”

E- **você considera que o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor?** P1 - qual trabalho?

E-**O trabalho que a escola desenvolve ou o professor.** P1- Sem sombra de duvida.

E-A escola oferece preparação e treinamento aos professores para tratar essa temática?P1- Não.

E- **você acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar o tema? Por quê?** P1-eu acredito que não, porque professor, ele tem é um formador de opinião... e ele deve ser uma pessoa sempre atualizada e ler. E a diversidade sexual é um tema abrangente em todos os locais, em todos os momentos, no dia a dia de cada um.

E- **você sabe que o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado na sala de aula por qual quer disciplina. Você concorda?**P1-Concordo, sem sombra de duvida. E- **você acha que não precisa de uma disciplina específica para abordar o tema, não é isso?** P1-perfeitamente.

E- **você sabe ou observou se o tema da diversidade sexual é contemplado no PPP da escola?** P1-Não é... de forma certa e concreta não sei te informar, agora compete ao professor por uma questão de interdisciplinaridade ele intercalar e colocar a o tema da diversidade sexual, mesmo que não faça parte da sua área.

II) PROFESSOR 2- ENSINO FUNDAMENTAL

E- **Qual é a sua opinião sobre diversidade sexual nas escolas?** P2-E um conteúdo que tem que ser trabalhado, é a opção de cada pessoa então é... De acordo com a faixa etária tem que ser trabalhado de uma maneira diferente.

“E- **Você se sente a vontade (ou preparado) para trabalhar/falar sobre a diversidade sexual na escola? Por quê?** P2-Não, eu não me sinto ainda. Eu acho interessante que a escola devia informar mais o professor com relação a esse tema principalmente de que maneira pode ser trabalhada com um profissional pra auxiliar.

E- **esta unidade de ensino oferece o trabalho com diversidade sexual?** P2-não

E- **você considera que o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor?** P2-não.

E-**A escola oferece preparação e treinamento aos professores para tratar essa temática?**
P2-não.

E - **você acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar o tema?** P2-De certa forma sim por que se trata de criança e adolescente principalmente nesse quesito com relação a idade.

E- **você sabe que o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado na sala de aula por qualquer disciplina. Você concorda com isso?** P2-Concordo, mas é o que eu falei deve ter uma preparação que conteúdos devem ser trabalhados e de que forma.

E- **Mas você acha que deveria ter uma disciplina específica ou não?** P2-Não, mas pode aparecer de modo interdisciplinar, mas que em determinado momento certo, de acordo cada disciplina trabalha um aspecto.

E - **você sabe ou observou se o tema da diversidade sexual é contemplado no PPP da escola?** P2- não ainda não consegui visualizar esse tema da dentro do PPP não.

III- PROFESSOR 3- (ENSINO MÉDIO)

E- **Qual é a sua opinião sobre diversidade sexual nas escolas?** P3-Eu acho que a primeira coisa que devemos levar em consideração é que é um tabu né? Acho que a gente não ta preparado para falar sobre diversidade sexual, e se a gente não ta preparado se for falar mal preparado acho que piora a situação. A gente tem que pelo menos passar por um curso de formação ou ir devagar a gente deve levar em consideração que nossa sociedade é bastante conservadora e cristã também.

E- **Você se sente a vontade (ou preparado) para trabalhar/falar sobre a diversidade sexual na escola? Por quê?** P3-Não apesar de eu ser da área da filosofia que é uma área muito aberta né? E provoca questionamento, mas eu não me sinto a vontade até por que também minha formação familiar conservadora.

E- **esta unidade de ensino oferece o trabalho com diversidade sexual? Você já observou?**

P3- eu observei assim o projeto que a senhora propôs é a sua monografia de especialização é nesse sentido, então acho que isso já é um começo.

E- **Você considera que o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor?** P3-Não, não é...

não é e eu acho também que nesse trabalho não leve em consideração ou pelo menos leve um mau entendido com a religião que a gente tem o seguinte que a igreja cristã que a igreja restante no geral ela provoca preconceito mas no meu entendimento dessa forma eu acho que a igreja protestante tem o seu posicionamento que precisa ser respeitado, então existe mau entendidos quando se fala de igreja muita gente pensa que a igreja fomenta preconceito, mas no meu entendimento não é assim, a igreja tem o posicionamento dela que merece ser respeitado.

E- **A escola oferece preparação e treinamento aos professores para tratar essa temática?**

P3-não.

E- **você acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar o tema?Por quê?** P3-Sim eu acho porque como eu te falei no inicio da entrevista e um tema

complexo, que não leva em consideração só a escola, mas a família, a carga moral que a gente trás deste o nascimento, então se é um tema complexo é necessário que a gente tenha uma formação nesse sentido.

E- **você sabe que o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado na sala de aula por qualquer disciplina. Então o que você acha deve ter uma disciplina especifica ou não todas devem aborda o tema?** P3-Eu acho que uma disciplina especifica talvez não por que iria talvez causar muita despesas ou a gente teria que

criar outra estrutura na escola pra essa questão mas a pessoa que se propôs falar sobre o tema deveria ter uma capacitação especial.

E - você sabe ou observou se o tema da diversidade sexual é contemplado no PPP da escola desta unidade de ensino? P3-não no processo que a gente participou de formação do PPP eu não observei nenhum ponto nesse sentido, não observei de fato.

IV- PROFESSOR 4-ENSINO FUNDAMENTAL

E- **qual é a sua opinião sobre diversidade sexual na escola?** P4-A minha opinião é nós professores profissionais da educação encarar a questão com a maior normalidade possível. No momento que nós se depararmos com o aluno que sinta necessidade de algum esclarecimento que esteja ao nosso alcance a gente conversar, dialogar para que ela tire algumas duvidas que estejam dentro das nossas possibilidades.

E- **você se sente a vontade ou preparada para abordar o tema da diversidade sexual em sala de aula?** P4-preparada nem tanto, porque nós não recebemos treinamento, seria viável, mas pelas experiências de vidas um pouco dar pra gente ajudar.

E- **esta unidade de ensino oferece o trabalho com diversidade sexual?** P4-Não, não oferece mas pela questão interdisciplinar, que sempre nós no momento que estamos trabalhando determinados assuntos, entra um questão dessa ,algo a gente tem que esclarecer e tornar a realidade de uma forma aceitável a todos.

E- **você considera o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor?** Não. Seria viável nós profissionais da educação recebermos treinamento para é... fortalecer mais esse trabalho e começar a procurar é... se integrar na questão de ter um resultado mais positivo e de melhoramento para essas pessoas que tanto precisa de ajuda.

E- **Saiu um artigo agora que o tema da diversidade deve ser abordado como educação inclusiva. Já que o índice de evasão é enorme por pessoas do grupo LGBT, você acredita que esse numero de evasão ocorre pela falta de esclarecimento e discussão que não é trazida pelo professor sobre o tema?** P4-concordo, por que eu mesma tenho um aluno que na verdade tem momento difícil e ele entra em crise, é um problema do meu conhecimento.

E- **você acha que os professores necessitam de capacitação especifica para trabalhar o tema? Por quê?** Por que nós não temos é uma base a respeito do conhecimento, mas aprofundado pra ajudar, ajudamos na normalidade possível, no nosso cotidiano de vida, nossas experiências. Mas a base de aprofundamento falta, ainda deixa algo.

E- **você sabe que o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado na sala de aula por qualquer disciplina. Então o que você acha deve ter uma disciplina especifica ou não todas devem aborda o tema?** P4- É o seguinte, a disciplina que poderia trabalhar mais um pouco é a biologia, no meu ponto de vista, mas mesmo assim as outras demais disciplina é necessário também contribuir.

E- **Você sabe, ou melhor, já observou se o tema da diversidade sexual é contemplado no PPP da escola?** P4-Não, não tive conhecimento se realmente o tema é contemplado, mas na

verdade o desejo que temos é um dia trabalhamos aqui na escola e que esse dia seja registrado, que é muito importante para o desenvolvimento principalmente desses alunos que esta precisando de ajuda, está precisando de esclarecimento para ele seguir a vida.

V- PROFESSOR 5- ENSINO MÉDIO

E- **Qual é a sua opinião sobre diversidade sexual na escola?** P5-ela existe e existe muito preconceito por falta de conhecimento por parte dos alunos e de alguns funcionários e professores.

E- **você se sente preparado para abordar o tema da diversidade sexual em sala de aula?**

P5- sim, tranquilamente, tranquilamente.

E- **Esta unidade de ensino oferece trabalho com a diversidade sexual em sala de aula?**

P5- não. Quando vou dar aula de genética falo sobre o assunto, aula de anatomia, falo também. Bem explicado e bem direitinho.

E- **Você considera que o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor?** P5- O meu é, eu tiro qualquer duvida.

E- **Você já observou se na sala de aula tem algum aluno transexual?** P5- tem

E- **E você já observou se ele sofre algum tipo de preconceito na sala de aula?** P5-Sofre, é gozação.

E- **Algum aluno já evadiu da escola por ter sofrido preconceito?** P5- Não.

E- **Você acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar o tema?** P5- alguns deles devem fazer algum treinamento, mas quem já fez uma formação superior já leram a respeito disso, com certeza já leram.

E- **Você sabe se o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado por qualquer disciplina. Você concorda com isso ou você acha que deve existir uma disciplina específica?** P5-não, não, não, biologia, química pode falar tranquilamente. A sociologia, filosofia.

E- **você sabe se o tema da diversidade sexual é contemplado no PPP da escola?**P5- Não me lembro, não me lembro de jeito nenhum.

VI- PROFESSOR 6- ENSINO FUNDAMENTAL

E- **Qual é a sua opinião sobre diversidade sexual nas escolas?** P6- Pra ser trabalhado o tema, eu acredito que na escola, mais amplo mostrar com clareza, para que os alunos aprendam na escola, ou seja, se conscientizar. Aprendam na rua nas a conscientização seja na escola.

E- **Você se sente a vontade (ou preparado) para trabalhar/falar sobre a diversidade sexual na escola? Por quê?** P6- Não, por que nós não temos materiais, nos não temos um preparo, particularmente não tenho o preparo que me sinta a vontade para falar sobre esse tema.

E- **Você já observou se na sua sala de aula tenha algum a aluno que pertença ao grupo do LGBT?** P6- Não

E- **Esta unidade de ensino oferece o trabalho com a diversidade sexual?** P6- Não

E- **Você nunca participou de nenhuma formação sobre diversidade sexual?** P6- formação não, a não ser cartazes, revistas...

E- **Você considera o trabalho realizado suficiente e esclarecedor?** P6- Não, não e esclarecido eu acredito que deveria ser mais... esclarecido começando do ensino fundamental de acordo com a faixa etária do aluno.

E- **A escola oferece preparação e treinamento sobre o tema da diversidade sexual?** P6- não ate hoje eu desconheço.

E- **Você acha que os professores necessitam de capacitação especifica para trabalhar o tema da diversidade sexual em sala de aula?** E pelo menos o material, capacitação acredito que se tivéssemos materiais disponíveis, como vídeos, eu acredito que o trabalho seria feito.

E- **Você acredita que a religião faz com que o tema não seja abordado dentro das salas de aulas ou você acha que não tem nenhuma relação?** P6- Não, acredito que apesar sobre a religião ainda exista aquele tabu de não falar nada, não ser bem aceito. Mas eu acho que deveria falar como a gente não e bem preparado, não tem esclarecimento sobre o tema a religião tem um pouco de influencia também. Principalmente os pais religiosos se nos trabalharmos o tema ,esse assunto, e o filho conta para os pais o assunto trabalhado na escola eles vão ignorar.

E- **O tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e deve ser abordado por qualquer disciplina. Você concorda que ele deve ser abordado por qualquer disciplina ou deve existir uma disciplina especifica?** P6- deve haver disciplina especifica, que dizer esclarecimentos com disciplina especifica embora seja trabalhada de um modo

geram em todas as disciplinas, mas com um maior esclarecimento naquela específica. Sendo a biologia a disciplina mais apropriada para abordar o tema.

E- Você já observou se o tema da diversidade sexual é contemplado no PPP da escola?

P6-eu mesma não, acredito que deve fazer parte, mas eu nunca observei.

VII- PROFESSOR 7 – FUNDAMENTAL

E- **Qual e sua opinião sobre o tema da diversidade sexual nas escolas?** P7- E um tema bastante complexo, né atual e que dar a vários ramos do campo para pesquisa, dificilmente é acompanhado em sala de aula para adquirir respostas satisfatórias, são muitas perguntas.

E- **Você se sente a vontade ou preparado para abordar o tema da diversidade sexual em sala de aula? Por quê?** P7- eu ainda considero um tabu, como eu não pesquiso o problema, então tenho uma dificuldade muito grande. Agora se viesse material ne, de fora ai sim.

E- **Você se na sua sala de aula existe algum aluno homossexual?** P7- já encontramos sim alunos com essa particularidade e percebemos na entrelinhas se uma certa tendência.

E- **Esta unidade de ensino oferece o trabalho com a diversidade sexual?** P7-Essa efetivamente desconheço, se há não é divulgado, acredito que nas salas de acontece algum trabalho por parte de alguns professores.

E- **Você considera que o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor?** P7-Acredito que não seja suficiente, muita coisa para se fazer seria um bom projeto se todos colaborassem.

E-**A escola oferece preparação e treinamento aos professores para abordar o tema em sala de aula?** P7-não, nunca participei o que aparece são cartazes que vem de fora, propagandas.

E- **Você acha que os professores precisam de treinamento específico para trabalhar o tema?** P7- não todos, porque algumas disciplinas já têm uma base boa como a sociologia, a filosofia e a biologia

E- **Você sabe que o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado por qualquer disciplina. Você concorda que ele deve aparecer em todas as disciplinas ou é preciso uma disciplina específica?** Na parte da biologia seria bem interessante o ser humano né, mas fazer uma ponte entre química e matemática seria bastante complexo.

E- **Você já observou se o tema da diversidade e contemplado no PPP da escola?** P7-tem uma ligeira menção na parte da biologia, mas não o suficiente.

VIII- PROFESSOR 8 - ENSINO MÉDIO

E - Qual é a sua opinião sobre diversidade sexual nas escolas? P8-Eu acredito que é um tema polemico, mas que deve ser abordado em sala de aula, até porque hoje não existe um modelo único familiar e a escola não pode desconsiderar esse novo quadro familiar que vem se formando.

E- Você se sente a vontade ou preparado para abordar o tema da diversidade sexual em sala de aula? Por quê? P8-Preparada e a vontade não até porque já participei de uma formação sobre diversidade sexual, mas foi uma formação de apenas um final de semana o que não dá para absorver muita coisa, mas mesmo assim desenvolvi um trabalho com a turma que foi bastante proveitoso.

E- Esta unidade de ensino oferece o trabalho com a diversidade sexual? P8-Apesar de estar aqui há pouco tempo, nunca observei nenhuma movimentação da escola diante do tema da diversidade sexual.

E- Você considera que o trabalho realizado é suficiente e esclarecedor? P8-Não infelizmente ainda há muito a se fazer.

E-A escola oferece preparação e treinamento aos professores para abordar o tema em sala de aula? P8-Eu acredito que a escola não esteja preocupada em dar treinamento aos professores sobre diversidade sexual, mas preocupa-se com o número de alunos aprovados no vestibular.

E- Você acha que os professores precisam de treinamento específico para trabalhar o tema? P8-com certeza afinal ainda existe o despreparo que deve ser sanado com uma boa formação, sem falar de professores que não tem nem ideia de como abordar tão conteúdo em sua disciplina na sala de aula.

E - você sabe que o tema da diversidade é contemplado quanto tema transversal e que deve ser abordado por qualquer disciplina. Você concorda que ele deve aparecer em todas as disciplinas ou é preciso uma disciplina específica? P8-Concordo pois não é uma questão de área específica mas uma questão de formação de cidadania que deve ser feita por qualquer disciplina.

E- Você já observou se o tema da diversidade é contemplado no PPP da escola? P8-Pelo que foi nos repassado não vi nenhuma menção sobre diversidade sexual no PPP desta unidade de ensino.